



A Sérvia no caminho euro

ASÉRVIA pertence inequivocamente – tal como todos os países da região balcânica – à família europeia. Este Conselho Europeu, que decide sobre a concessão à Sérvia do estatuto de candidato à União Europeia, tem de se determinar por considerações estratégicas: servindo a UE, ou seja, servindo a paz nos Balcãs e na Europa.

Na semana passada, em vésperas desta cimeira europeia que irá decidir o statu-

Ana Gomes
Deputada do PS
no Parlamento Europeu

to da Sérvia, integrei uma missão a Belgrado, organizada pelo Partido Socialista Europeu e pelo Grupo Socialista no Parlamento Europeu. Reunimos com o Presidente da República Sérvia, com o primeiro-ministro, com o ministro dos Negócios Estrangeiros, com parlamentares e sociedade civil.

DESDE Dezembro, altura em que foi adiada a decisão sobre o estatuto da Sérvia por causa de graves incidentes no norte do Kosovo, houve progresso: no passado dia 24, Belgrado e Pristina acordaram na cooperação regional inclusiva e na gestão integrada das fronteiras.

As condições estão satisfeitas, recomenda-se o estatuto de candidato para a Sérvia – disseram esta semana a Comissão de Assun-



peu

tos Exteriores do PE e o Conselho de Assuntos Gerais.

A DECISÃO deste Conselho Europeu vai ter repercussões nas próximas eleições sérvias, legislativas em Maio e presidenciais em Novembro: vai determinar se a Sérvia continua no trilho pró-europeu em que a colocaram o Partido Democrático (DS) e o Presidente Boris Tadić.

Ou se vai retroceder para o

nacionalismo isolacionista do principal partido da oposição, dirigido por Nikolić, coligado com o ex-Presidente Kostunica e outros radicais anti-europeus que se vêm fortalecendo à conta do desemprego e do declínio social, agravado pela crise da eurozona. Mais do que o Kosovo, que todos sabem perdido, é o futuro económico o que preocupa hoje os sérvios.

Um retrocesso não afectaria apenas a Sérvia, prejudicaria toda a região. O alarga-

mento da UE aos países dos Balcãs que empreendam reformas para cumprir os critérios de Copenhaga é muito mais do que uma negociação político-técnico-jurídica: é um processo de paz. Uma Sérvia sem perspectivas de adesão à UE poderia afundar a 'pax' europeia nos Balcãs.

O PRESIDENTE Tadić sabe o que tem a fazer para corresponder às expectativas. Orgulha-se de ter posto a Sérvia a colaborar

com o Tribunal Internacional para a ex-Jugoslávia, entregando Ratko Mladic e Goran Hadzic, e de ter começado a combater o crime organizado. Reconhece que a Sérvia precisa de fazer muito mais em reformas do sistema de Justiça, independência dos *media*, protecção dos direitos humanos e das minorias, funcionamento do Estado de Direito, abertura à concorrência económica, luta contra a corrupção, etc.

E que a Sérvia tem agora de

viabilizar, concretamente, a cooperação regional e resolver conflitos com os vizinhos, incluindo o Kosovo (a delegação socialista sublinhou que o acordo com Pristina tem de ser passado à prática e a inaceitabilidade de eleições locais sérvias na região norte do Kosovo).

HÁ um conjunto de metas que não vão desaparecer para a Sérvia, alcançado o estatuto de candidato: pelo contrário, o nível de exigências da UE vai elevar-se.